

## PARA BEM DIZER A AÇÃO LACANIANA, NA EBP

Fernanda Otoni Brisset  
outono/2015

*“Somos uma escola que não pretende depor suas armas contra os impasses crescentes da civilização.”*(Declaração da Escola UNA)

Em 20 anos da Escola Brasileira de Psicanálise, testemunhamos o vivo de sua experiência desde lá onde um psicanalista está, ou seja: no único dos relatos de passe; na confiança entre dois parceiros no particular da clínica; quando um analista toma sua parte de responsabilidade nas instituições cuja casuística e sua posição nos projetos clínicos permitem verificá-la; ou infiltrada como passageira clandestina nos tecidos discursivos da cidade. A presença modesta e ativa de analistas da Escola, infiltrados em conversações clínicas ou debates sobre questões de sociedade, desde então, abrem respiradouros onde a ordem de ferro de uma época desconhece o poder subversivo das invenções singulares.

Podemos afirmar que a EBP é, hoje, uma experiência, “cujos membros não reclamam da sociedade nenhum privilégio de extraterritorialidade, mas de agirem na vida cotidiana e na vida intelectual de seu tempo para fazer passar o que, da política lacaniana, é susceptível de transmitir a todos e de ter uma incidência real”.<sup>1</sup>

O uso do termo política, aqui, é aquele de Lacan na “Direção da cura”, concernido, precisamente, ao fim da análise. Pois só existe uma psicanálise para os lacanianos: é a que se pratica e se dá ao testemunho nas condições de crítica e de controle, no âmbito de nossa Escola, conforme preconizou Lacan. Uma psicanálise que se mostra a partir do que se passa pelos poros das paredes da experiência analítica, do que ali se infiltra do húmus da cidade, do que dali se exala e se propaga como um perfume ou uma peste, estendendo-se aos confins.

A experiência do passe, em nossa Escola, transmite e confirma que no percurso de formação do analista vão se erodindo as defesas, suas paredes tornam-se porosas e permeáveis ao que se passa e ressoa no corpo falante enganchado ao impacto da brutalidade opaca de seu tempo. Da contingência desse enganche extraímos a força da psicanálise. Portanto, não convém à política que praticamos, reduzir a psicanálise a compartimentos

---

<sup>1</sup> Declaração da Escola UNA, 2000.

separados, do tipo: "psicanálise que se aplica à cidade" ou "psicanálise que se pratica no consultório". A dispersão vem a galope quando não consideramos a dobradiça que as enoda à um eixo único, em uma só psicanálise. Cuidar desse enlace, dessa ação dobradiça, é cuidar da formação do analista e da sobrevivência da psicanálise, como disse Eric Laurent:

*O psicanalista é aquele que afirma ter obtido da experiência o que dela ele podia esperar, que afirma, portanto ter transposto, como Lacan nomeou, um passe. No passe ele atesta a superação de seus impasses. A interlocução pela qual ele visa obter um acordo sobre essa travessia se faz em dispositivos institucionais. Ela se inscreve, de modo mais profundo, na Grande Conversação da psicanálise com a civilização.<sup>2</sup>*

Levar adiante a experiência dessa interlocução, hoje, parece-nos essencial.

### **Um programa de ação!**

Assim orientada, a Diretoria de Secretaria da EBP propõe colocarmos em atividade, em conjunto com os diretores de carteis e intercâmbio, um programa de ação lacaniana que reúna o que se pratica em nome da psicanálise do campo freudiano no Brasil.

Tomaremos como bússola o que se passa em seus territórios. O que são os territórios lacanianos? É o lugar onde um psicanalista extrai o vivo da sua labuta, ao abrir sulcos e giros, no cultivo da causa de cada um. Onde essa experiência se enunciar, encontrar-se-á um fértil território lacaniano, quando o analista, como um lavrador aplicado, desdobra-se sobre os sintomas que se alastram na cultura de sua época, advindos da cidade infiltrada na lavra de seu ofício, cuidando para que um fruto singular possa, daí, advir. É dessa peste que se trata, desde Freud!

Um programa, nessa direção, implica levar adiante estratégias que engatem a intenção e extensão em psicanálise, numa ação dobradiça, em condições de transmitir o que cabe à política lacaniana testemunhar sobre o sintoma de nossa época e como dele se servir, na vida de cada um e na vida das cidades.

*Por um lado: os carteis da EBP, sua intensão:*

Desde Lacan, o cartel não serve mais ao mestre cuja teoria reverencia. O cartel lacaniano é outra coisa! É um dispositivo que nasce do impossível de ensinar, que toma de

---

<sup>2</sup> LAURENT, E.Os Princípios Diretores do Ato Analítico, 2009.

assalto cada um, despertando o desejo de falar mais sobre isso, provocando a elaboração e acolhendo a enunciação que brota no lugar vazio do saber. O mais-um é, assim, um zelador desse lugar cujo mestre foi dispensado e cuida para que o produto da investigação em curso no cartel, possa instruir nossa prática e mesmo comunicá-la, através da transmissão dos cartelizantes, assim engajados e sentindo-se nisso implicados, sobre o que está em jogo no momento atual da prática analítica.

Perguntamo-nos: poderemos verificar a grande conversação da psicanálise com a civilização, definida como um princípio do ato analítico, no trabalho de cartel registrado no âmbito da EBP? Apostamos que sim!

O salto à um cartel, em resposta à um impasse, abrir-se-á à leitura do contemporâneo na psicanálise, enunciada entre os achados e perdidos que brotam do furo essencial que o inaugura. Lacan nos deixa a aposta que em cada cartel, assim constituído, está a Escola. Por ali, vive o germe que a anima!

A colega Maria Josefina Fuentes, Diretora Secretária da EBP (2013-2014), junto com sua Comissão Nacional, agalmatizou a enunciação cartelizante, entre nós. Cuidar de manter o dispositivo do cartel como célula pulsante de nossa Escola, em sua intensão de formação de analistas orientados quanto ao real de sua época, é uma tarefa que nos anima.

*Por outro lado: o intercâmbio da EBP com a cidade, sua extensão:*

O significante intercâmbio, que junto com os carteis dão nome à uma função diretora nas seções da EBP, carrega a chave que abre a porta da psicanálise à cidade. É tarefa da psicanálise, entrar no campo aberto dos outros discursos em circulação, para instruir a nossa prática e também para comunicá-la, extraíndo desse intercâmbio suas consequências. Levamos adiante, em nossa Escola, a conversa da psicanálise com o Outro Social é tarefa vital para firmar o seu funcionamento, dando a ver o recenseamento que Lacan nos indicou, no ato de fundação.

O momento atual, mais do que nunca, exige como ação, que o analista abra seus pulmões para a leitura dos impasses civilizatórios, dirigindo-se como guerreiro aplicado à cidade, lá onde um real provoca a irrupção de uma desordem. Esses sítios de desordem interessam a psicanálise de orientação lacaniana, pois não será sem consequências a intrusão, nesses sítios, de pelo menos um psicanalista.

O analista que “desarma bombas<sup>3</sup>” é o mesmo que, num giro, aciona a potência do bem dizer. Falar é detonar um choque onde o silêncio se instala. Ao fazer falar a desordem, ao perturbar a defesa das ordens rígidas, a psicanálise abre passagem às enunciações que gotejam do deserto do real. Não recuar é a orientação do analista lacaniano que não depõe suas armas face aos impasses de sua época!

### **Para concluir, nosso entusiasmo!**

Onde quer que um analista esteja e se invista de encorajar a produção de resposta singular aos impasses da civilização, ali, encontra a matéria viva que divide, desloca, se enuncia e comove em favor da política lacaniana. É de sua ação que extraímos a força política da EBP, entre redes inquietantes e vibrantes, articulando suas diversas matizes geracionais ao vivo de uma só psicanálise, cuja orientação permite enodar as formas fractais da epistême e a atualidade clínica de seu laço com a política de sua ação.

Cabe à Escola ser “êxtima para cada um, determinando o work in progress de todos para dar à luz a uma verdadeira comunidade analítica integrada”, (...) “um princípio para vencer, ou seja, falhar da melhor maneira” (Declaração da Escola Una). J-A.Miller, em 1995, escreveu: “O Brasil é múltiplo. (...) O Um da escola é frágil e será bem-vindo o tudo que venha reforçá-lo com uma condição – que o Múltiplo aceite de bom grado”.

Passados 20 anos podemos dizer que a EBP é, hoje, UMA experiência movida pela força do múltiplo da psicanálise de orientação lacaniana no Brasil. Faremos o que for possível, através da nossa ação, para abrir nosso convite, aos muitos que somos, e encontrar como resposta o aceite, de Um por Um, com vivo entusiasmo. A força de nossa Escola, a EBP, não advém da dispersão, mas da reunião dos muitos e de cada um, na sustentação de UM cuja força, para essa diretoria, declara-se aos quatro ventos por nossa ação lacaniana.

Formamos uma Comissão Nacional, para levar adiante essa tarefa. Somos: Fernanda Costa (MG), Fernanda Otoni (MG), Marícia Ciscato (RJ), Nohemi Brown (PR) e Lucila M Darrigo (SP). Esta comissão se organizará, sob a forma de cartel. Desta forma pretendemos seguir formalizando as bases epistêmicas, clínicas e políticas de nossa ação, em conjunto com os diretores de “carteis e intercâmbio” da EBP, para dar a ver a forma do *work in progress* entre nós.

---

3 Expressão de Miquel Bassols